

RELATÓRIO SOBRE AS EXPEDIÇÕES DA SEDH EM BUSCA DOS DESAPARECIDOS POLÍTICOS NA ESTRADA DO COLONO

Militantes da extinta Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) Onofre Pinto, José Lavéchia, Joel e Daniel de Carvalho, Vitor Ramos e mais Ernesto Enrique Ruggia, foram atraídos pelo aparelho repressivo da ditadura e assassinados à sangue frio na região de Foz do Iguaçu/Medianeira.

Pois bem, desde que eu voltei do exílio/clandestinidade após a anistia, venho tentando descobrir em que circunstâncias esses companheiros morreram e onde foram enterrados.

Após várias tentativas frustradas, em 2004, graças a um credenciamento da Comissão dos Mortos e Desaparecidos da SEDH (Comissão 9140), eu tive acesso aos arquivos da Polícia Federal de Foz do Iguaçu. Com base nas informações colhidas nesses arquivos e cruzadas com outras informações de Inquéritos Policiais e Inquéritos Policiais Militares, eu consegui algumas e importantes pistas. Com estes dados em mãos e as fotografias dos desaparecidos, incursionei pela Região Sudoeste do Paraná (mais precisamente Capanema e Santo Antônio do Sudoeste) e pela Região Noroeste do Rio Grande do Sul (Cidade de Braga, Coronel Bicaco e Três Passos).

Enfim, depois de checar o que eu havia descoberto aos vasculhar os arquivos, eu tinha a confirmação do nome de um dos participantes da chacina Otávio Camargo, na época agente do CIEX e hoje soldado da Polícia Civil do Estado do Paraná.

Tendo em vista que esta pessoa não fala comigo (acredito que o motivo seria porque este ex-agente estava encarregado de me capturar ou mesmo assassinar quando eu estava clandestino) procurei chegar até ele por intermédio de outras pessoas. Acabei descobrindo que o ex-militante do MR8 e hoje empresário César Cabral, e o agente da Polícia Federal licenciado e atual Secretário de Segurança de Foz do Iguaçu, Adão Almeida, são amigos do Rainolfo.

RELATÓRIO SOBRE AS EXPEDIÇÕES DA SEDH EM BUSCA DOS DESAPARECIDOS POLÍTICOS NA ESTRADA DO COLONO

Militantes da extinta Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) Onofre Pinto, José Lavéchia, Joel e Daniel de Carvalho, Vitor Ramos e mais Ernesto Enrique Ruggia, foram atraídos pelo aparelho repressivo da ditadura e assassinados à sangue frio na região de Foz do Iguaçu/Medianeira.

Pois bem, desde que eu voltei do exílio/clandestinidade após a anistia, venho tentando descobrir em que circunstâncias esses companheiros morreram e onde foram enterrados.

Após várias tentativas frustradas, em 2004, graças a um credenciamento da Comissão dos Mortos e Desaparecidos da SEDH (Comissão 9140), eu tive acesso aos arquivos da Polícia Federal de Foz do Iguaçu. Com base nas informações colhidas nesses arquivos e cruzadas com outras informações de Inquéritos Policiais e Inquéritos Policiais Militares, eu consegui algumas e importantes pistas. Com estes dados em mãos e as fotografias dos desaparecidos, incursionei pela Região Sudoeste do Paraná (mais precisamente Capanema e Santo Antônio do Sudoeste) e pela Região Noroeste do Rio Grande do Sul (Cidade de Braga, Coronel Bicaco e Três Passos).

Enfim, depois de checar o que eu havia descoberto aos vasculhar os arquivos, eu tinha a confirmação do nome de um dos participantes da chacina Otávio Camargo, na época agente do CIEX e hoje soldado da Polícia Civil do Estado do Paraná.

Tendo em vista que esta pessoa não fala comigo (acredito que o motivo seria porque este ex-agente estava encarregado de me capturar ou mesmo assassinar quando eu estava clandestino) procurei chegar até ele por intermédio de outras pessoas. Acabei descobrindo que o ex-militante do MR8 e hoje empresário César Cabral, e o agente da Polícia Federal licenciado e atual Secretário de Segurança de Foz do Iguaçu, Adão Almeida, são amigos do Rainolfo.

Foi graças a estes contatos e após muitas conversas que ficamos sabendo que em julho de 1974 os irmãos Carvalho, Onofre Pinto, José Lavéchia, Vitor Ramos e Enrique Ruggia foram atraídos desde Buenos Aires para uma armadilha montada no Parque Nacional do Iguaçu. Dos seis, cinco foram assassinados à sangue frio e enterrados nas imediações da emboscada. Onofre Pinto foi poupado para interrogatório e dias depois assassinado com requintes de crueldade.

Tendo como base estas informações a SEDH colaborou até o ano de 2010 com o trabalho de buscas. Infelizmente, até o momento não tivemos sucesso. Porém, acredito que estamos bem próximos para a elucidação deste caso e a descoberta dos restos mortais dos companheiros.

RELATÓRIO

Programada inicialmente para ser realizada nos dias 19, 20, 21, 22,23 e 24 de novembro de 2010, a terceira expedição ao quilômetro seis da antiga Estrada do Colono acabou sendo resumida a apenas quatro dias de trabalho.

Apesar dos diversos contratemplos advindos do escasso tempo, das três expedições esta foi a única rigorosamente realizada a partir das informações da testemunha da chacina ocorrida em julho de 1974. (1)

Para que fique registrado e não ocorram mais erros semelhantes, reitero que as outras duas expedições, realizadas em junho e agosto deste ano de 2010, foram prejudicadas pelo desprezo às informações colhidas anteriormente. Fez-se limpeza, aquisições pelo GPR e pelo EM 38, e escavações de uma área selecionada a partir de dados subjetivos, apesar de minha insistência de levar a testemunha para indicar o local preciso da execução. Devido a subestimação do estabelecimento da área prioritária foi perdida uma imensa mobilização de recursos materiais e humanos, além, é claro da frustração de não encontrar vestígios de inumações.

Ressalto que após o fracasso da primeira expedição realizada em junho, e dias antes da equipe de geofísica baixar em Foz do Iguaçu, eu consegui à fórceps que a testemunha fosse conduzida ao local. No dia 10 de agosto,

dois dias antes do começo dos trabalhos planejados, o ex-militar Otávio Rainolfo da Silva foi ao local acompanhado por César Cabral, ex-presos político e hoje empresário bem sucedido.

Assim que desceram do helicóptero, Rainolfo caminhou uns vinte metros pela Estrada do Colono e no vértice da curva entrou na mata indo direto

(1) Esta informação eu obtive após descobrir em 2004 a identidade do motorista que conduziu o grupo da VPR até o local da cilada. Esta descoberta resultou de pesquisas em documentos dos órgãos de repressão depositados no arquivo da delegacia da Polícia Federal de Foz do Iguaçu, em inquéritos policiais em Medianeira (PR) e Três Passos (RS), além de diversas entrevistas, inclusive com familiares de Alberi Vieira dos Santos. Após a descoberta a testemunha após relutar em fornecer informações acabou cedendo a partir da intermediação de Adão Almeida e César Cabral.

ao tronco de uma guajuvira caída, e ali apontou o local das execuções, dizendo que os corpos foram levados para o fundo. Com essa informação Rainolfo confirmou informações passadas em 2005 e anos posteriores à César Cabral e à Adão Luis Almeida, policial federal aposentado e hoje Secretário Municipal de Segurança de Foz do Iguaçu.

Vale lembrar que em todas as vezes que foi inquirido Rainolfo, apesar de ter um comportamento relutante e ser lacônico, afirmou que apenas acompanhou Alberi Vieira dos Santos na condução das vítimas até o local simulando ser um membro da base da VPR no Paraná. Ainda durante as indagações feitas a ele nos últimos cinco anos Rainolfo manteve a informação que as vítimas foram conduzidas num veículo Rural Willys e na curva mais sinuosa após um riozinho eles entraram na mata utilizando um antigo caminho carroçável. (2)

Causou-me admiração que apesar desta informação, aliás, a única, a equipe da SEDH, continuou trabalhando do dia 13 ao dia 18 de agosto numa área escolhida a partir de suposições e que eu sempre considerei secundária.

Tendo em vista este desvio de objetivo, eu insisti que fossem criadas condições para que Rainolfo voltasse ao local e se fizesse acompanhar

por dois membros da equipe da SEDH, para que não pairassem dúvidas sobre a indicação do local em que tombaram os desaparecidos políticos. Finalmente no dia 18 de agosto a testemunha retornou ao local acompanhado pelas pessoas por mim indicadas e confirmou as informações fornecidas anteriormente.

Somente a partir deste fato é que a equipe da SEDH deu o braço a torcer. Lastimável que todo um imenso esforço, recursos humanos e materiais tenham sido desperdiçados.

(2) A testemunha Otávio Rainolfo da Silva, é atualmente agente da Polícia Civil do Paraná. Na época servia no Batalhão de Fronteiras e estava lotado na Segunda Seção. Ele declara que juntamente com Alberi conduziu as vítimas da fronteira até um sítio na localidade de Santo Antonio e dali até o local da emboscada.

Passados esses contratempos e desperdícios voltamos no dia 19 de novembro ao quilômetro seis da antiga Estrada do Colono acompanhados pelo grupo de geofísicos disponibilizados para a missão.

Ao chegar ao local da área prioritária (tronco de Guajuvira) constatamos que não havia sido feito o trabalho de limpeza conforme estava programado. Enquanto a área prioritária era preparada, aproveitamos para fazer aquisições de dados geofísicos numa área aleatória que o pessoal de limpeza havia escolhido por conta.

Vale ressaltar que consideramos área prioritária um perímetro de no mínimo 2500 metros quadrados a partir do tronco e traçado em direção oposta à Estrada do Colono. Isso porque a testemunha indicou já em 2005 e confirmou em anos posteriores que “os corpos foram arrastados para longe, mais ou menos cinquenta metros do local da execução” *(recentemente ele afirmou não saber para onde os corpos foram arrastados)*.(3)

Ainda nas diversas inquirições a testemunha Otávio Rainolfo da Silva disse que as escavações deveriam ser feitas onde tivesse terra firme, terreno em aclave e no máximo até 50 metros, e ainda não cavar perto da estrada, onde tivesse lodo e beira de rio.

Então no dia 19 começamos a realizar um trabalho coerente e dentro do perímetro sugerido.

Para que não pairasse mais nenhuma dúvida quanto a localização da área onde ocorreu a emboscada levei no dia 20 de novembro o ex-diretor do Parque Nacional do Iguaçu, Adilson Simão, ao sítio apontado pela testemunha Rainolfo.

No ponto referido o ex-diretor do PNI revelou que no passado naquela área habitava o guarda-parque de nome Francisco Teixeira e sua

(3) A testemunha Rainolfo revelou em 2005 e em anos posteriores ter levado cinco pessoas até o local da cilada, localizada numa clareira próxima à Estrada do Colono.

Disse que numa curva após um riacho entrou com a Rural Willys numa estradinha no meio do mato e quando ocorreram os tiros ele e Alberi se jogaram atrás de um tronco de árvores. Disse ainda que eles permaneceram algum tempo por ali e mais tarde foram buscar a outra pessoa (Onofre Pinto) que havia ficado no sítio.

numerosa família. O guarda-parque, que era mais conhecido pelo apelido de “Jaçanã”, mantinha na área uma plantação de arroz e pocilga nas proximidades da residência instalada há aproximadamente

30 metros da Estrada do Colono e há pouca distância de um córrego. Na parte alta eram cultivados milho, feijão e mandioca entre imensas e centenárias guajuviras, canelas, cedros e lapachos.

Segundo Adilson Simão no início da década de 70 o guarda-parque teve de sair do local. Portanto acredita-se que no ano da execução do grupo remanescente da VPR – julho de 1974 – a área no passado utilizada para plantio estava ocupada pela capoeira. Acrescentou ainda o ex-diretor do PNI que em toda a extensão (17 quilômetros) da estrada hoje fechada por decisão judicial a única entrada de carro para a mata fica exatamente no local onde estamos realizando as pesquisas. Com essa informação Adilson Simão confirma o que vem dizendo desde 2005 a testemunha Rainolfo.

Portanto o local apontado de forma incisiva como o cenário onde houve a chacina é um terreno em aclave tendo um tronco de guajuvira como referência. O referido tronco está caído, segundo técnicos, há mais de 50 anos; portanto seria atrás dele que Alberi Vieira dos Santos e Otávio Rainolfo da Silva se jogaram em busca de proteção durante a execução

das vítimas da cilada. Ainda no local permanecem imensas e centenárias canelas. (4)

Acredito que deve ser traçado um perímetro de 2500 metros quadrados, traçando uma linha de 50 metros em direção norte, 50 metros em direção norte, 50 metros em direção sul e 50 metros em direção oeste, tendo o tronco caído como ponto de partida. É neste perímetro que devem ser concentradas as aquisições geofísicas e as escavações.

(4) É relato da testemunha que era noite ao chegarem ele, Alberi e as vítimas ao local da emboscada. Assim que passaram pelo tronco caído umas luzes se acenderam e eles se jogaram atrás do tronco. Nas primeiras conversas Rainolfo disse que viu quando os soldados arrastaram os corpos para o fundo e que ouviu barulho de galhos sendo cortados. Porém, quando voltou em agosto, Rainolfo diz que ele e Alberi viram os corpos estendidos no chão, mas que em seguida voltaram à Santo Antônio para executar a segunda fase da missão, buscar Onofre Pinto.

Acredito que os trabalhos realizados na terceira expedição representam o início de uma pesquisa séria e realizadas a partir de dados objetivos.

Infelizmente na expedição de novembro de 2010 os seis dias programados acabaram sendo resumidos a dois dias de aquisição geofísica e apenas um dia de escavação. Menos de um quarto da área suspeita foi pesquisada.

Por isso, e com objetivo de evitar uma mobilização desnecessária de recursos humanos e materiais PROPONHO que a próxima expedição seja realizada após a limpeza de todo o perímetro indicado como o local onde os corpos dos desaparecidos políticos foram inumados. Por medida de economia proponho que eu coordene esta tarefa. Com isso vamos economizar passagens aéreas, despesas de hospedagem e diárias. Somente após a limpeza é que a equipe de geofísica deve se deslocar a Foz do Iguaçu e com tempo disponível para fazer as aquisições em toda a área preparada.

Ressalto que as escavações podem ocorrer na medida em que os geofísicos forem apresentando seus relatórios de processamento de dados.